

FEIJOADA

VALTERLAN TOMAZ CORREIA.

Bárbaro na mistura

“Estou lúcido. Estou vivo como as aves em migração.
Começo por amar a realidade... Nunca declinei a vida.
Declino, sim, as coisas da vida.”

António Teixeira

O que pensamos quando nos vem à mente a palavra bárbaro? Talvez sujeira, brutalidade, baixeza, ignorância quem sabe. O bárbaro é gente que se mistura, e por se misturar se aventura, e por se aventurar se diverte, e em se divertir, vive. Vive não importando o lugar ou as dificuldades, pois é brilhante para reverter situações. Já aprendeu a viver solitário, mas também sabe o valor de estar junto. Por isso presa as amizades, um ato bárbaro de reter para si o que o interessa. É perigoso, pois é engenhoso, é corajoso, porque é necessitado, é firme mesmo quando gagueja tentando engolir a comida de outros sem mastigá-la, chegando à indigestão. Mas se recupera, pois não foi guloso, e mesmo que o fosse, não teria problema algum, porque o seu estômago é como de avestruz. Ele tem bom apetite e em vista disto busca satisfazê-lo.

Para ele o mundo ou a mente é como uma grande panela na qual cada coisa tem seu valor e, numa grande panela tudo é possível. Tal panela cheia de pedaços diferentes de sabores tornar-se-á mais útil, pois tem em si variedades que se misturam tornando assim, um caldo grosso e saboroso no qual podemos comer e lamber dedos e lábios sem receio algum. A panela está aberta para novos ingredientes, também a está para novas experiências. O que será que deseja veementemente o bárbaro pôr em sua panela?

Certamente o bárbaro na mistura saberá se servir do melhor da feijoada oferecida. Há pedaços gordurosos que podem fazer mal se comidos em excesso, também há tantos pedaços para substituí-lo que nem fará falta. Mas é necessário comer devagar, ruminando-a para que por fim, sinta que a feijoada é indubitavelmente uma multiplicidade composta do que é bom e do que é ruim, e que nos leva horas ao deslumbre por consequência da fome que não se sacia, e horas por está tão cheio de tudo, que seu único desejo é se afastar da panela, da comida e do cheiro que lhe parece ruim. Mas que naturalmente não romperá por muito tempo, pois há uma necessidade intrínseca no seu ser que a busca novamente para alimentá-lo e o fazer crescer apetitoso forte e criativo.

O bárbaro parece ser cego, parece ignorar o *logos*, dar-se-á a impressão de bestialidade, mas o bárbaro não menospreza a razão, prova disso são as conquistas bárbaras, muitas desconhecidas, outras ignoradas. Para se conquistar precisa se misturar, fingir e mostrar seu valor sorrateiramente. Assim ele adquire a confiança pouco a pouco daqueles que o achavam insignificante. Agora esses insensatos o servem, os inimigos os abraçam, os íntimos amigos lhes rendem honras e os homens mais ilustres o reverencia.

O homem bárbaro misturado não está perdido e se está é peça faltante, ele se adapta em qualquer lugar e é sempre notado pelo seu algo diferente. Mas o que é diferente no bárbaro? Ele é inusitado, imprevisível, é provocador. Muitas vezes erra por ser precipitado, se angustia por querer falar, ainda que sem saber latim. Mas busca se aperfeiçoar, pois é determinado, quer se igualar, porque pode, quer entender, pois é fundamental. Mas querem privá-lo, querem diminuí-lo, chacoteia-o por não demonstrar de início genialidade, o que aos poucos concluirá que o é. Porém “isto independe do avaliador”. Pois ser gênio requer quinhentos gramas de loucura, duzentos gramas de solidão, uma colher e meia de cinismo, uma xícara cheia de talento, uma pitada de ingenuidade e outra de arrogância. Aproveite e misture todos os ingredientes num prato fundo de ironia. É evidente que o bárbaro achou a receita, ele é extremamente dado ao seu objetivo, mas fala pouco quando muitos o querem, fala muito quando poucos o desejam. Sofre com o outro, mas pode ser indiferente, recusando-se a ser fraco, está em constante mudança, contrapondo a civilização. Barbaridade?

Mas quem é o bárbaro *senão* o outro? *senão* eu quando queres que eu o seja ou quando eu quero que sejas tu? Horas sou rude, feroz, displicente e intratável, e se transfiro a você, meu outro sendo eu, horas é você o indivíduo rude, feroz, displicente e intratável. A questão é que não existem mais homens civilizados, somos todos bárbaros em busca de uma inteligibilidade no falar e uma elegância no agir, nunca atribuímos a nós mesmos a imperfeição, o tosco e incomunicável é sempre atribuído ao outro. A verdade é que só nos entendemos em virtude de um maníaco balbuciar bruto que teimamos em chamar comunicação.

A feijoada está borbulhando de esclarecimentos, agora o bárbaro se mostra como ele verdadeiramente o é. Não sujo, mas indiferente; não bruto, mas defensor de sua liberdade; não baixo, mas digno de sua própria moral; não ignorante, mas adepto de sua verdade. Somos nós dignos da barbaridade?

Agora, pois, vai homem lúcido a quem chamam bárbaro, e conquista o teu território, e fala o teu dialeto, age naturalmente, conjuga teu verbo; sê quem tu és, pois é chegada a hora de servir-se.